

A CONCEPÇÃO DE CORPO NA OBRA *CONFISSÕES* DE SANTO AGOSTINHO

Walmir Ruis Salinas, (UNESPAR/FECILCAM), walmir.salinas@gmail.com

RESUMO: Santo Agostinho é tido por seus biógrafos como um dos maiores expoentes do Ocidente. Sua vida foi marcada pela dualidade, quer seja na sua formação, quer seja no seu pensamento. Além da dualidade, é recorrente, na biografia do bispo de Hipona, as duas fases distintas de sua vida, antes e depois de sua conversão. A primeira fase foi marcada pela procura de realizações voltadas para as coisas do mundo, tais como honraria, riqueza e prazer. A segunda fase foi marcada pela busca das coisas de Deus, mirando a parusia. Essa transformação gerou em Agostinho uma crise de consciência, principalmente na relação que teve com seu corpo, apresentada na obra *Confissões* e que é objetivo a ser analisado nesta comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: *Corpo. Ascese. Confissões.*

INTRODUÇÃO

Aurélio Agostinho (354-430) é um africano da cidade de Tagaste, localizada ao norte do continente. Sobre a cidadania romana de Agostinho, Marrou (1957, p. 14) afirma: “Recebeu, de nascença, a cidadania romana (o nome de família *Aurelius* denota que seus antepassados se beneficiaram da famosa constituição de Caracala em 212), que naturalizou em massa os provincianos.” Da cidadania que lhe foi concedida por um decreto constitucional, soube tirar proveito, uma vez que toda sua formação foi em latim, nos moldes de Roma.

A vida de Santo Agostinho foi marcada pela dualidade. Seu pai, Patrício, era pagão e pequeno proprietário de terra. Sua mãe, Mônica, era fervorosa cristã. Submissa ao marido em quase tudo, suportando, inclusive, seu temperamento rude, só não se submeteu a ele no aspecto religioso. Manteve-se firme no cristianismo e buscou a conversão de toda família, no que logrou êxito no final de sua vida. Enquanto a mãe procurava passar-lhe os valores cristãos, o pai estava mais preocupado em fazer do filho um “homem”. Papini afirma sobre a relação de Agostinho com seu pai:

Agostinho não o amou; com a alma que lhe conhecemos não poderia amá-lo. Êle sentia que herdara desse pai todas as paixões que, no curso de sua vida, à custa de terríveis esforços, precisara arrancar do coração: a sensualidade, a ambição, o amor ao dinheiro. Foi combatendo em si as tendências paternas que Agostinho se tornou o que é e será eternamente – um santo. É o filho de Mônica e da graça. (PAPINI, 1960 p.10)

A dualidade na formação familiar de Santo Agostinho acabou propiciando dois momentos distintos de sua vida, divididos por um marco, que foi sua conversão em 386, marcada pelo episódio emblemático, quando teria tido a visão de uma criança, que lhe teria ordenado a leitura de um trecho

da Carta de Paulo aos Romanos, que pedia o abandono das coisas do mundo e abraço às coisas de Deus.

Pode-se dizer que na fase que antecedeu sua conversão foi predominante a influência do pai, uma vez que se dedicou, primordialmente, à realização dos desejos da carne. A passagem de Agostinho por Cartago, principal cidade africana de então, a princípio para estudar, acabou colocando-o em contato com as tentações do corpo. Foi nesta cidade que conheceu a que seria sua concubina e mãe de seu único filho. Por outro lado, foi lá, também, que entrou em contato com a filosofia, tendo as obras de Cícero (106-43 a.C.) como sua primeira grande inspiração intelectual e moral. Já a fase pós-conversão foi marcada pela influência da mãe, que sempre primou pelos valores cristãos, buscando uma vida santa e casta. A marca desta fase foi o árduo trabalho que teve como bispo de Hipona, cidade situada ao norte da África.

Essas duas etapas da vida do tagastense foram retratadas na obra *Confissões*, na qual o teólogo destaca a relação com o próprio corpo, antes e depois de sua conversão. Nesta obra mostrou-se arrependido por certas atitudes, porém, sempre confiante na misericórdia divina.

CONFISSÕES E A VISÃO AGOSTINIANA DE CORPO

Santo Agostinho redigiu a obra *Confissões* no ano 400, portanto, passados quatorze anos do ano que se convencionou como o de sua conversão, 386. Nesse momento ele já havia sido ordenado padre e nomeado bispo de Hipona. Pode-se deduzir que a doutrina cristã já estava assimilada por ele. Apesar de ter se tornado cristão já na vida adulta estava convicto da vida que abraçou e dos desafios decorrentes desse novo momento da sua vida, marcado por muitas lutas contra heresias e por uma produção literária em profusão.

A princípio, *Confissões* dá indicativos de ser apenas um ato de contrição de um homem que se sente envergonhado por sua vida pregressa. Obra simples, onde Santo Agostinho se esforça para não se alongar nos temas ali expostos, porém com interrupções constantes para exprimir hinos de louvor a Deus ou para pedir perdão pelos erros cometidos. Sobre este entendimento da obra, assim se expressa Altaner:

A autobiografia de Agostinho, [...] não é somente uma autorrequisição, às vezes demasiado severa, de suas próprias culpas, senão que é ao mesmo tempo, e principalmente, um hino de louvor a Deus e uma oração de ação graças por quanto o Senhor se de dignou fazer obras misericordiosamente em sua alma. (ALTANER, 1953, p. 319)¹

¹ La autobiografía de Agustín, [...] no es solamente una autorrequisitoria, a veces demasiado severa, de sus propias culpas, sino que es al mismo tiempo, y principalmente, un himno de alabanza a Dios y una oración en acción de gracias por cuanto el Señor se ha dignado obrar misericordiosamente en su alma. (ALTANER, 1953, p.319)

O entendimento de que *Confissões* não é um mero ato de contrição é partilhado por Papini (1960, p.197): “*Confessio*, para Agostinho, significa reconhecimento de sua própria culpa, mas, precipuamente, o elogio da misericórdia, da graça e da sabedoria de Deus.”

Nessa obra, Santo Agostinho deixa claro que levou a sério a frase imperativa que ouviu na visão que teria tido no jardim de sua casa; “toma e lê,” frase cantada por uma criança. Lembrando que a passagem bíblica lida por ele foi um trecho da Carta de Paulo de Tarso aos Romanos, onde o autor convoca a todos a uma mudança radical de vida, primando pelo abandono das coisas terrenas.

A partir de então, Santo Agostinho tornou-se um assíduo leitor da Bíblia e deu mostras de seu conhecimento sobre este livro sagrado e da importância das cartas de Paulo de Tarso para sua vida e para a elaboração de suas obras. Prova disso, é que ele menciona as cartas de São Paulo cento e sessenta e quatro vezes ao longo da obra *Confissões*. Outro livro bíblico que recebeu certo apreço de sua parte foram os Salmos, que são citados duzentas e uma vezes na mesma obra. Um indicativo da importância que Santo Agostinho deu a este livro está no fato de que ele começa esta obra com citações dos Salmos noventa e cinco e cento e quarenta e seis. Fora as cartas de São Paulo e os Salmos, outros livros da Bíblia são citados por quase duas centenas de vezes.

À parte a importância dada à Bíblia nesta obra, é discutível, como afirmado, se ela é um mero ato de contrição, um “*mea culpa*” pelas mazelas cometidas por Santo Agostinho antes de sua conversão. Peter Brown não a vê como uma obra voltada apenas para consciência de seu autor, mas afirma, em *The Body and Society: men, women and sexual renunciation in early christianity*:

As confissões de Santo Agostinho foram escritas para se dirigir – e, ao se dirigir, ajudar a formar - um grupo distinto. O livro falava de maneira sumamente direta aos “Servos de Deus”, aos católicos de experiência ascética semelhante à de Agostinho. [...] Nas confissões, Agostinho colocou a força íntima de seus hábitos sexuais passados sob um foco dolorosamente intenso nas *Confissões*, [...] a sexualidade foi apresentada como uma faceta das relações sociais humanas com a mesma frequência com que foi analisada como um problema para a vontade humana. (BROWN, 1988, p. 388)²

Marcos Roberto Nunes Costa (1999, p. 164), entusiasta estudioso e comentador das obras de Santo Agostinho, chama à atenção para o fato de Santo Agostinho ter sido o primeiro homem a escrever sua autobiografia. Nunes elogia a coragem do tagastense de confessar suas fraquezas: “As

² Augustine’s confession were written to address and in addressing to help to form a distinctive group. The book spoke most directly to “servants of God”; to Catholics of ascetic experience similar to Augustine’s own.[...] Augustine brought the intimate force of his past sexual habits into painfully sharp focus in the Confessions.[...] Sexuality was presented as a facet of human social relations quite as frequently as it was analyzed as a problem for the human will. (BROWN,1988, p. 388)

Confissões não são uma mera confissão de culpa, mas, principalmente, um louvor à graça e a sabedoria de Deus”

Nunes Costa (1999, p.165) chega a afirmar que “*Confissões* é o primeiro tratado de psicologia moderna, pois, ao falar de suas inquietudes, de suas angústias, dúvidas e conflitos interiores, Agostinho não está falando simplesmente de si mesmo, mas do homem ou da humanidade.”

A diferença entre Peter Brown e Nunes Costa é que enquanto o primeiro enfatiza que Santo Agostinho falava para uma sociedade, o segundo diz que ele falava da sociedade, mostrando que seus pecados não eram particulares, mas do homem, por isso, sua experiência valia para os demais, ponto que leva à convergência entre os dois autores.

Que a obra expõe Santo Agostinho é fato, basta se voltar para o próprio título, *Confissões*. É flagrante, com certa frequência, o quanto ele fala abertamente de seus erros do passado e das tentações do presente. Há uma passagem que congrega o aspecto confessional lembrado por Nunes Costa e da forma como Santo Agostinho via a sua sexualidade no passado:

Que coisa me deleitava senão amar e ser amado? Mas, nas relações de alma para alma, não me continha a moderação, conforme o limite luminoso da amizade, visto que, da lodosa concupiscência da minha carne e do borbulhar da juventude, escalavam se vapores que me enevoaram e ofuscaram o coração, a ponto não se distinguir o amor sereno do prazer tenebroso. (SANTO AGOSTINHO, 2000, p. 63-64)

Essa passagem reforça o intento de mostrar como o Santo Agostinho se posicionou no que se refere ao prazer carnal em sua obra *Confissões*. O que foi exposto não contempla tudo o que ele afirmou, mas passa uma ideia razoável de sua trajetória entre a busca do prazer até sua ascense completa, passando pelo caminho da docilização gradual de suas necessidades físicas e de como foi difícil para ele dominar seus desejos, fato que reconhece que sem a ajuda divina seria impossível.

Ao confessar sua vida pregressa, o tema recorrente era as tentações que fizeram com que ele se entregasse aos desejos da carne. Em conversa com seu amigo Alípio sobre o casamento, e da possibilidade de se levar uma vida casta nele, Santo Agostinho (2000, p.164) lembra com que ardor se entregava a seus apetites e diz: “O que em grande parte e com violência me prendia e torturava era o hábito de saciar a insaciável concupiscência.” Mesmo defendendo a necessidade do casamento, da beleza que ele representa e, se possível, levado castamente, Santo Agostinho reconhece que o que o moveu a união com sua companheira, foi a necessidade de realizar seus desejos sexuais, e não a grandeza da procriação, consumada com o nascimento de seu filho Adeodato.

Mais adiante Santo Agostinho (2000) justifica este hábito em direção à concupiscência por ter o seu querer dominado pelo inimigo, fazendo dele um escravo da luxúria, motivo pelo qual sua vontade de louvar e servir só a Deus demorou a acontecer.

Santo Agostinho reconhece que o simples desejo de se afastar da vida errante não basta. Mesmo atento ao pedido de Deus de se abster da concupiscência da carne e da ambição do mundo, ele se vê atormentado pelas visões durante o sono que o arremetem para tudo aquilo que havia renunciado. Santo Agostinho (2000) mostrou-se estar atormentado com este fato, porém, confiante que o dom e a graça de Deus são a força necessária para vencer todas as tentações que ainda o cercavam.

Apesar da certeza de que a graça divina o protege das tentações da carne, Santo Agostinho mostrou-se atento aos seus desencadeadores e indica que certos cuidados devem ser tomados, se por um lado ele não pode afirmar que os sentidos são por si só fonte de pecado, pois foram criados por Deus, por outro lado o uso descuidado dos mesmos, pode levar para uma zona de perigo, e nela permanecer. Por essa razão ele elenca alguns cuidados a serem tomados com o olfato, pois, há perfumes que podem levar à sedução, por exemplo, lembra que o ouvido pode ser fonte de prazer, principalmente quando ouve melodias que podem interferir no pensamento e no desejo. Por fim chama a atenção para a sedução dos olhos. Em determinado momento ele afirma que aqui residia sua voluptuosidade e diz:

[...] concluiremos, assim, as tentações da concupiscência da carne, que ainda me perseguem, fazendo-me gemer e desejar ser revestido pelo nosso tabernáculo que é o céu. Os olhos amam a beleza e a variedade das formas, o brilho e amenidade das cores. Oxalá que tais atrativos não me acorrentassem a alma! (SANTO AGOSTINHO, 2000, p. 294)

Passados já quatorze anos de sua conversão, certo do poder da graça divina, tomado por todo bom propósito de uma vida ascética, Santo Agostinho dava sinais que não bastava querer e de que não seria tão fácil viver sem os prazeres deste mundo. A passagem citada dá mostras do quão ele ainda era atormentado pelas tentações do mundo, principalmente as desencadeadas por sua passagem por Cartago.

Certo de que a graça divina o fortalece, Santo Agostinho indaga, então, de onde vem esse desejo desenfreado e constante, que o atormenta a toda hora. Resultou de sua reflexão, um dos pontos de destaque em sua teologia, que é a tese do pecado original, onde, pelo pecado de Adão, todos nós ficamos propensos ao pecado. Santo Agostinho (2000, p. 190) lembrou dos erros de sua infância e da juventude, feitos sem motivo aparente e por necessidade alguma. É o carimbo impresso do mal, pela perversão da vontade efetuada por Adão, assim retratada: “[...] procurei o que era a maldade e não encontrei uma substância, mas sim uma perversão da vontade desviada da substância suprema – de Vós, ó Deus – e tendendo para as coisas baixas.” Gilson assim descreve a interpretação que Santo Agostinho deu ao pecado original:

As duas conseqüências do erro original, ao qual Santo Agostinho sempre associa ao mencioná-las, são a concupiscência e a ignorância. Dado que esses dois vícios tinham sido excluídos por Deus da natureza humana tal como ele a havia concebido, pode-se dizer que sem exagero que, pela má vontade do primeiro homem, a natureza humana encontra-se mudada. No lugar da ciência de que Adão desfrutava sem ter que adquiri-la, a ignorância presente da qual tentamos penosamente sair; no lugar da maestria exercida pela alma sobre a carne, a revolta do corpo contra o espírito. [...] O que sobra da natureza instituída por Deus de uma tal desordem? O mal que tinha sido em Adão apenas um erro, propagando-se até nós, tornou-se o mal de uma natureza. Uma natureza viciada e viciosa a partir de então substituiu uma natureza boa. (GILSON, 2006, p. 286-287)

Ciente das conseqüências advindas da queda de Adão, faltava para Santo Agostinho, a clareza de qual decisão tomar para contrapor a busca aos apelos da carne. No início achou que a castidade estava fora de seu alcance, mas, mais tarde foi esse o caminho percorrido por ele, certo de que Deus lhe daria forças para manter-se firme nele. Santo Agostinho (2000, p.245) lembra que havia pedido a castidade, provavelmente inspirado pela leitura da obra *Hortêncio* de Cícero, já na juventude a Deus, mas sem pressa, como afirma ele: “Dai-me a castidade e a continência, mas não ma deis já.” Seu temor era que Deus o atendesse de imediato e, assim, ficaria “livre” da concupiscência.

Essa passagem mostra que o assunto castidade o acompanhava desde cedo, porém só depois de sua conversão é que ele buscou a efetivação e seu antigo pedido, tendo por certo de que as delícias que experimentou não se comparam com a felicidade de conseguir viver uma vida casta. Sobre esta fase em que Agostinho viveu as “delícias” do mundo, Papini afirma:

Achava-se na idade perigosa. Nos países de clima ardente, é precoce o estuar da virilidade. Acrescentemos a isto a herança paterna, o temperamento apaixonado do moço, os exemplos detestáveis que se lhe deparavam em torno (até na própria família!) e as tentações quotidianas da liberdade. Apoderou-se dele a impiedosa violência do instinto. Dos dezesseis aos trinta anos, apenas teve sede de voltuosidade e de luxúria. (PAPINI, 1960, p. 24-25)

Papini (1960, p. 25) chega a chamar essa fase de Santo Agostinho de “ciclone carnal,” o que dá indicativos de quão difícil foi para o bispo de Hipona viver uma vida casta, longe das tentações cotidianas, uma vez que o próprio Santo Agostinho, assim descreveu este momento de sua vida:

E a vossa fiel misericórdia pairava, de longe, sobre mim. Em quantas iniquidades me corrompi e a quantas curiosidades sacrílegas me entreguei, até me precipitar, abandonando-Vos, nos profundos abismos de infidelidade e no serviço enganador dos demônios a quem sacrificava as minhas maldades! (SANTO AGOSTINHO, 2000, p. 82)

Apesar de todo afinco com que se dedicou aos prazeres carnavais, Santo Agostinho foi categórico em afirmar que não se orgulhava dessa fase de sua vida, e que após a sua conversão buscou levar uma vida casta, apesar de todas as tentações que teve, como afirma Possídio (1997, p.38): “[...] abandonou toda esperança que depositara nos bens deste mundo. Não queria mais mulher, nem filhos carnavais, nem riquezas, nem honras mundanas, mas decidiu-se por servir a Deus”.

O tema castidade foi recorrente ao longo de sua vida. Ao se voltar para esse tema inúmeras vezes, muitas questões foram respondidas, mas há uma ainda carente de resposta: o que levaria um homem como Santo Agostinho a abrir mão do prazer que ele, reconhecidamente, tinha em suas relações carnavais, firmando-se numa castidade plena até a sua morte?

A resposta a essa pergunta dada por santo Agostinho (2000) foi categórica, fez tudo para encontrar a verdadeira felicidade, que segundo ele foi buscada durante muito tempo onde ela não se encontrava: “Procurais a vida feliz na região da morte: não esta lá como encontrar vida feliz onde nem sequer vida existe?” Mais adiante ele reforça a ideia de quão cego estava para a verdadeira felicidade:

Perguntava o motivo por que é não seríamos felizes [...] ainda ignorava que esta pergunta era fruto da minha grande miséria. Assim imerso no vício e cego, não podia pensar na luz da virtude e da beleza, que os olhos da carne não veem, e só o íntimo da alma distingue. (SANTO AGOSTINHO, 2000, p.167)

Há, ainda, um outro dilema a ser resolvido: Se a felicidade está em Deus, e não nos prazeres carnavais, seria, então, o corpo um mal a ser evitado? Segundo Santo Agostinho, o corpo não é mal, pois foi criado por Deus e, conforme o teólogo, nada que vem de Deus é mal, porém, há uma hierarquia entre a alma e o corpo. É priorizando a alma que o homem busca recuperar a condição que lhe foi dada por Deus antes do pecado original. Ao dominar os apelos e do corpo e privilegiando as coisas do espírito, o homem retoma seu caminho para Deus, como afirma Santo Agostinho (2000, p. 266): “Que amo então quando amo o meu Deus? Quem é Aquele que está no cimo de minha alma? Pela minha própria alma hei de subir até Ele.”

Santo Agostinho (2000, p. 245) reconhecia que os prazeres sensoriais eram apetecíveis, porém, firmou-se na idéia de que estes não trariam a felicidade, pois esta só seria possível em Deus: “Encaminhamos a conversa até à conclusão de que as delícias dos sentidos corpo, por maiores que sejam, e por mais brilhante que seja o resplendor sensível que as cerca, não são dignas de comparar-se à felicidade daquela vida, nem merecem que delas ser faça menção.” Mesmo convicto de que a alma é superior ao corpo, e de que as coisas sensoriais não conduzem a Deus, não foi tarefa fácil, a ponto de Papini afirmar:

Que lhe resta, por conseguinte, a fazer? Viver como cristão, fazer passar a verdade reconhecida para os atos de sua vida cotidiana, renunciar aos hábitos carnavais que o dominam ainda. [...] O combate travado na alma de Agostinho não é entre a verdade eo erro, entre Deus e satanás, entre a fé e a dúvida e, sim, entre a castidade e a luxúria, o desejo da pureza perfeita e pesar de não abraçar mais a uma mulher, entre o espírito e a carne. (PAPINI, 1960, p. 118)

Ter passado tanto tempo voltado para os desejos da carne, além de não ser motivo de orgulho, também dificultou, sobremaneira, sua adesão a uma vida casta, tendo o corpo sob controle. Como afirmou Brown, Santo Agostinho mostrou-se nessa obra, *Confissões*, bastante constrangido e arrependido de sua vida pregressa. Por isso, procurou passar sua experiência aos demais, buscando a construção de uma nova sociedade. Seus argumentos foram tão bem articulados, que a Igreja Católica os utilizou como base para a exigência de uma vida casta a todos seus seguidores, principalmente durante a Idade Média. Todavia, nem mesmo ele acreditava que, mesmo levando uma vida absolutamente ascética, seria plenamente feliz aqui neste mundo. Esta felicidade só viria quando se estabelecesse o que ele chamou, a partir de suas leituras da Bíblia, a Cidade Celeste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é em vão que muitos biógrafos de Santo Agostinho se mostrem tão entusiasmados com a pessoa do bispo de Hipona. A coragem em confessar seus atos libidinosos foi ímpar para sua época. Ao externar o sentimento que nutria pelo o que viveu de bom e de ruim, deixou claro que o corpo, apesar de ser um bem, pois é criação de Deus, não deve comandar as ações do homem, e sim a alma, uma vez que esta é que coloca o homem rumo a Deus. Por isso, o homem deveria fazer uso de seu corpo, pois dele necessita para sobreviver, porém, só a Deus o homem deveria amar, para que, assim, fosse plenamente feliz.

REFERÊNCIAS

- ALTANER, Bertholde. **Patrologia**. 3. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1953.
- BROWN, Peter. **The body and society: men, women and sexual renunciation in early Christianity**. New York: Columbia University Press, 1988.
- GILSON, Etienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2006.
- MARROU, H. **Santo Agostinho e o agostinismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1957. (Coleção Mestres Espirituais, 2 v.).
- NUNES COSTA, Marcos Roberto. **Santo Agostinho: um gênio intelectual a serviço da fé**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. (Coleção Filosofia, 91).



PAPINI, Giovanni. **A vida de Santo Agostinho**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

POSSÍDIO. **A vida de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 1997.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores).